

## BAGÉ E O LEGENDÁRIO LANCHÃO FARROUPILHA «SEIVAL»

Maj Eng QEMA  
CLAUDIO MOREIRA BENTO

Em 10 de maio de 1970, por ocasião da "Grande Festa dos Lanceiros Brasileiros de Todos os Tempos", foi inaugurado o primeiro parque histórico do Brasil em homenagem ao Mar Manoel Luiz Osório, "O Lanceiro Legendário", Patrono da Arma de Cavalaria do Exército, e intimamente ligado a Bagé, profissional e sentimentalmente, como é de so-bejo conhecido.

No interior deste parque foi introduzida, por desejo expresso do Exmo. Sr. Presidente Médici, uma réplica do lanchão farroupilha "Seival", mensageiro na expedição a Laguna-SC, do ideal republicano rio-grandense de "35" e precursor no R.G.S. do ideal republicano brasileiro concretizado em 15/Nov/1889, com a Proclamação da República do Brasil que está próxima de completar um século.

Mas mergulhemos no passado 135 anos, para melhor compreensão do título deste artigo. Por Decreto Imperial de 15/Dez/1830, D. Pedro I criou a vila de Piratini nos seguintes termos: "A povoação da Freguesia de Piratini fica criada vila com a denominação de Piratini... Seu distrito compreende os limites da mesma freguesia, os de Canguçu, e da Capela do

Cerrito, e a parte do distrito de Bagé até o Pirai..."

Com a eclosão da Revolução Farroupilha, o Dr. Marciano Ribeiro cria por Carta de 14/Out/1835, a Legião de Guardas Nacionais da Comarca de Piratini, composta de 1 (um) esquadrão e duas companhias, sediadas respectivamente em Canguçu e Cerrito (hoje Pedro Osório) e outro esquadrão e duas companhias sediadas em Bagé (1.º e 2.º Distritos).

Todos estes elementos constituiriam um Corpo, com sede em Piratini, e ao comando do então Cel Antônio de Souza Neto (Registro de Doc n.º I e Ata n.º 2, da Câmara de Piratini).

Este corpo posteriormente adere à Revolução, e transforma-se na célebre 1.ª Brigada de Cavalaria "Farrapa" do Gen Antônio Neto, que sob seu comando alcançou a memorável vitória sobre Silva Tavares em Seival, 10/Set/1835.

Esta batalha recebeu este nome, em razão de ter sido travada em terras hoje pertencentes a Bagé, e foi a que criou condições militares para que Antônio Neto proclamasse no outro dia a República Rio-grandense.

Nesta batalha travada em terras de Bagé, nasceu o Espírito Republicano Rio-grandense de "35", propagado na Guerra do Paraguai, concretizado em 15/Nov/1889, e consagrado pelos republicanos rio-grandenses históricos na Constituição Estadual de 1891, pela adoção como insígnia oficial do R.G.S. do Pavilhão Tricolor da República Rio-grandense de 1836 (Verde e Amarelo, e Vermelho da República Federada do Brasil que eles sonhavam igual que a quase centenária em que hoje vivemos).

Este espírito foi consagrado pela República do Brasil em 10/Mai/1970, através da introdução no Parque Osório de uma réplica do lanchão "Seival", que leva o nome da memorável Batalha de Cavalaria travada em campos de Bagé, e em atendimento a desejo expresso do Exmo. Sr. Presidente Médici, coincidentemente ilustre filho desta cidade gaúcha "Rainha da Fronteira".

Por coincidência, Osório, "O Maior Lanceiro do Brasil" e Antônio Neto, "O Vencedor de Seival" eram ligados intimamente a Bagé, profissional e sentimentalmente, e unindo as duas cavalaria na Guerra do Paraguai, composta de civis e militares, irmanados, defenderam a Pátria estremecida, e juntos colheram uma eterna glória para o Brasil em Tuiuti.

Mas não ficaria aí a relação Bagé-Seival. Quando os farroupilhas decidiram enviar a Laguna-SC, o lanchão "Seival", nome sugerido por certo por Bernardo Pires "Mártir de Seival" e simbolista farroupilha, por ter seu nome ligado à autoria da Bandeira e

Escudo da República Rio-grandense, Bagé não seguiria somente no nome do "Seival".

Por terra segue uma vanguarda destinada a apoiar o lendário barco, composta de muitos bravos bageenses, sobre os quais recaíra o maior esforço desta batalha.

Seguiram ao comando do Cel Joaquim Teixeira Nunes (o Cel Gavião), "O Bravo dos Bravos Farroupilhas", filho de Canguçu, o primeiro a desfraldar a luz do sol rio-grandense ao Pavilhão Tricolor farroupilha (6/Nov/1836), que seria adotado como insígnia oficial do R.G.S., pelos republicanos rio-grandenses históricos na Constituição de 1891.

Este bravo conseguiu a memorável vitória de Santa Vitória no rio Pelotas-SC, e dirigiu após, estas memoráveis palavras aos vencidos: "Vós que sois casados, estais livres para cuidardes de vossas esposas e filhos".

Este autêntico filho do Rio Grande Heróico, hoje envolto num "Cone de Sombra", foi quem resistiu heróicamente na Surpresa de Porongos, segundo nos conta Tarcísio Taborda na Revista Militar Brasileira (Abr/Jun 70), e ao custo de 80 cadáveres de seus célebres e temíveis lanceiros negros, e assegurando condições militares, por evitar a "débâcle" total, para a negociação da Paz de Ponche Verde em termos honrosos.

A Teixeira Nunes coube comandar a última carga do ideal republicano no Decênio Heróico.

Tombou morto num entrevêro no passo do Canuto no arroio Chasqueiro, vítima de um golpe de lança, arma em cujo manejo fôra um mestre. (Sua morte foi sentidíssima — Dante de Laytano)

O Decênio Heróico no qual os rio-grandenses se levantaram contra uma minoria mercantilista portuguesa que dominava o Império em que pese o 7/Set/1822, teria seu epílogo na histórica Bagé, com a honrosa paz de Ponche Verde, em termos propugnados com veemência pelo Grande Duque de Caxias, "O Maior Soldado do Brasil" e por isto o Patrono do Exército Brasileiro.

Ao Caxias propugnar com veemência pelo termo de Pacificação, para os rio-grandenses honrosos, e ao recusar a celebração de um Te Deum em regozijo a vitória, mandando ao invés que fôsse celebrada uma missa em sufrágio das almas de todos quantos haviam tombado nas coxilhas, em defesa do que idealisticamente julgavam ser as suas verdades, deve ter reconhecido dentro de sua clarividência, a procedência das razões que tinham levado os riograndenses ao 20/Set/1835.

O fato é que êle não havia provocado aquêle incêndio e ali se encontrava para apagá-lo, em nome da Integridade do Brasil e da Paz da Família Brasileira.

E êle o apagou bem e, dentro do espírito acima, como já o fizera no Maranhão, São Paulo e Minas Gerais.

Caxias, ao reconhecer a justeza dos motivos da Revolução Farrou-

pilha, deve ter tido em mente a figura de seu caríssimo tio e que fôra como um irmão para êle pois haviam, juntos, assentado praça como cadetes, respectivamente, com três (seu tio) e cinco (Caxias) anos, no 1.º Regimento de Infantaria ao comando de seus pai e avô respectivamente, Cel José Joaquim de Lima e Silva, com anuência de D. João VI.

Refiro-me ao Gen João Manoel de Lima e Silva, o primeiro a chegar a Piratini já proclamada a República Rio-grandense, e logo após juntos com Bento Gonçalves foram elevados à condição de primeiros generais da novel república.

Seu caríssimo tio foi um grande Mártir da República Rio-grandense, pois aprisionado na manhã de 18/Agô/1837, foi na mesma tarde fria bárbaramente assassinado no passo geral do Piratini, por soldados imperiais que o conduziam preso para Camaquã.

Tendo sido sepultado em Caçapava, seu túmulo foi profanado por imperiais, e seus ossos espalhados campo afora. O grande Duque não poderia esquecer-se d'isto.

O bárbaro e frio assassinio de João Manoel quando indefeso, seguido da profanação de seus restos mortais, era a negação do Espírito Rio-grandenses de "35", de humanidade para com os vencidos, e traduzido pelos amôres perfeitos que Bernardo Pires inscrevera no Escudo da República Rio-grandense, com o significado "Firmeza e Doçura" dos autênticos rio-grandenses de "35".

Estas palavras foram traduzidas na prática pelo Cel Teixeira Nunes conforme referi no combate de Santa Vitória. Firmeza durante o combate, e Doçura após este, significam bem humanidade e respeito para com os vencidos.

Firmeza e Doçura é parte importante do espírito de "35", no qual se baseia a mais autêntica tradição do R. G. S., esta, um dos grandes fundamentos do sentimento maior de "Brasilidade".